

## **Urbana subversão: a prática *squatter* no Brasil**

Cleber Rudy\*

### **Resumo:**

O movimento *squatter* surgido no fervor da contracultura dos anos 1960, se colocava na Europa como alternativa de resistência à organização capitalista da vida urbana. Propondo a ocupação de casas e apartamentos abandonados ou desocupados, enquanto oposição às políticas de especulação imobiliária, que geravam espaços “ociosos” em nome de interesses financeiros. A partir dos anos 1990, tal tendência de luta urbana ganhava visibilidade no Brasil associada a práticas anarquistas, de segmentos como o movimento anarco-punk.

### **Palavras-chave:**

cidades, anarquismo, *squatters*.

### **Abstract:**

The movement to squatter appeared in the fervor of the cultivation of years 1960, if placed in the Europe as alternative of resistance to the capitalist organization of the urban life. Considering the abandoned occupation of houses and apartments or unemployed people, while opposition the politics of real estate speculation, that generated “idle” spaces on behalf of financial interests. From years 1990, such trend of urban fight gained visibility in associated Brazil the practical anarchists, of segments as the movement anarcho-punk.

### **Keywords:**

cities, anarchism, *squatters*.

*“Somos los duendes que habitan en las casa abandonada, la propiedad privada es um robo y lo nuestro arte de magia. Una casa okupada es una casa encantada, cuando haya un desalojo aparecemos en otra”,<sup>1</sup> assim cantava a banda anarquista espanhola Sin Dios em prol dos *squatters*.*

O movimento *squatter*, nascido na Europa durante a década de 1960 - envolto pelo fervor da contra-cultura - , propunha, enquanto alternativa à falta de moradia, a invasão de casas ou apartamentos fechados ou abandonados. Abandono este que atrelado à especulação imobiliária tinha como estratégia manter estes imóveis (...) apenas para que se valorizem e possam ser vendidos num momento de bom preço”(GABEIRA, 1986. p. 22), ou

---

\* Mestre em História do Tempo Presente pela UDESC. E-mail: [vanrudy@gmail.com](mailto:vanrudy@gmail.com).

<sup>1</sup> Fragmento da canção “Casa okupada, casa encantada!”.

se deterioressem, rumo uma demolição facilitada, para no seu lugar abrigar residências luxuosas. Para tanto,

A jogada era a seguinte: o aluguel ou venda de apartamento segue tabelas de acordo com a idade da construção. Enquanto que há praticamente total liberação para os novos, recém-acabados, os mais antigos seguem tetos que não podem ser ultrapassados e sempre são baixos. Portanto, acessíveis a camadas da população de renda menor, ou desempregados, ou estudantes que vivem de mesadas e bolsas. A política de aluguel baixo ou venda a um preço determinado não interessa aos proprietários. Daí o esvaziamento, a espera da decadência, a demolição (BRANDÃO, 1986. p. 221).

Táticas do mercado imobiliário estas, que encontravam no processo de gentrificação<sup>2</sup> de regiões centrais das grandes cidades um forte aliado. A grosso-modo a gentrificação se traduz num excludente conjunto de transformações do espaço urbano, que na busca pela recuperação do valor imobiliário de ordenadas áreas urbanas, almejando enobrecê-las, privilegia determinados segmentos sociais. Porém valendo-se de fissuras na legislação que rege algumas cidades da Europa, a exemplo da Inglaterra, nos anos 70 tem-se uma interessante situação, “quem ocupasse uma casa ou um prédio, por qualquer motivo abandonados, estava salvaguardado por um qualquer artigo de lei, assegurando-lhe a ocupação e impedindo o seu desalojamento”(FREIRE, 1992, p. 9).

Por sua vez o *Squat*<sup>3</sup>, enquanto espaço revitalizado, se afirma pelo comprometimento coletivo, instalar água, luz (por vezes de forma clandestina), limpeza e reforma em regime de mutirão, e a organização política do espaço que por vezes segue o princípio anarquista da autogestão, ou seja, a administração do espaço desenvolve-se mediante o compartilhar de responsabilidades entre os envolvidos.

Estive em alguns prédios ocupados, onde a divisão de espaço tinha sido muito bem racionalizada. O trabalho coletivo recuperou tetos que caíam, paredes que rachavam, banheiros entupidos, pisos inexistentes. O clima entre as pessoas é diferente, sente-se solidariedade (BRANDÃO, p. 223).

Entre os *squatters* ou *okupas* (como são conhecidos na Espanha e na América Latina), encontram-se desempregados, ex-presidiários, *punks*, anarquistas, ecologistas, *hippies*, etc.

Na Holanda alguns anarquistas seriam os responsáveis em meados de 1960 por uma organização supra-sumo de ocupação, desenvolvida a princípio em Amsterdã, e que ficaria conhecida como movimento *Kraker*, termo originário da palavra *crac*, quebrar. O grupo mantinha, um arsenal de resistência composto de várias táticas, a revista *Kraakrant*, rádios clandestinas, advogados e os *Kraak-kafés*, que são bares “sem fins lucrativos e de acesso livre a quem quiser freqüênta-los” (TAVARES, 1985. p. 61). Mediante a ação policial responsável pela efetivação dos despejos, armada de bombas de gás, cassetetes e tanques, os *Krakers* por sua vez resistiam como podiam, valendo-se de recursos que iam desde um

<sup>2</sup> Conceito emprestado dos estudos promovidos pelo geografo Neil Smith. Por sua vez foi a socióloga Ruth Glass que inaugurou em 1964 a expressão *gentrification*, cunhada a partir de estudos sobre as transformações imobiliárias em Londres.

<sup>3</sup> Termo inglês que equivale à propriedade invadida.

elaborado sistema de alarme que mobilizava milhares de militantes, até barricadas, pedras, paus e *molotovs*.

Situação de alerta que também acompanha de modo geral o cotidiano dos *squatters* mediante as ações de despejos.

Em todos os prédios notei; em cantos estratégicos, carrinhos, desses de supermercados, abarrotados de munição: pedras, paus, ferro, tudo que possa ser utilizado numa refrega, se a polícia chegar de repente. Os ocupantes não entregam o ouro facilmente, defendem o que acham justo (BRANDÃO, p. 223).

Confrontos estes, que acabam por sinalizar “que a própria dinâmica da cidade é capaz de revelar (...) movimentos que nem sempre sincronizam com a linearidade e a racionalidade presente nos discursos dominantes.” (CARPINTÉRO, 1994. p. 145).

No Brasil o movimento *squatter* daria seus primeiros resultados na década de 1990, através de uma ocupação realizada na capital do Estado de Santa Catarina, localizada na Alameda Adolfo Konder (próximo da Praça da Luz). Ocupado em julho de 1993 por um grupo de anarco-punks, o prédio composto de 15 cômodos tornava-se um espaço alternativo destinado à produção cultural.

Sobre as origens do Movimento Anarco-Punk, no Brasil surgem nos anos 80 das clivagens do *punk*<sup>4</sup> que avesso a homogeneidades equacionava o surgimento de diversas tendências, entre estas, de grupos identificados com as propostas anarquistas, a exemplo dos anarco-punks, que a partir sobretudo dos vínculos com alas anarquistas ligadas ao Centro de Cultura Social de São Paulo, ou ainda da leitura de livros sobre anarquismo, assimilavam uma linha de pensamento político libertário. E para tanto, propostas de lutas como a dos *squatters* tão em voga no cenário europeu, soavam como nova ferramenta de ação a ser implementada no Brasil, que possibilitava por em práticas idéias anarquistas como a autogestão.

O prédio ocupado em Florianópolis, havia pertencido a várias associações entre elas a dos servidores da Santur (Santa Catarina Turismo). Visando utilizar somente uma das salas, os jovens punks anarquistas almejavam servir de exemplo a outros grupos, esperando assim, ver na ocupação a realização de diversas atividades culturais, tais como: teatro, dança, música. Sobre tal iniciativa o jornal *O Estado*, em matéria intitulada *Anarco-punks invadem prédio buscando um espaço alternativo*, publicou:

Eles são anarquistas, mas frisam que não são desordeiros. Prova disso é a tentativa de recuperar o local abandonado desde o incêndio que aconteceu no ano passado. Sonham com um mundo onde não existam governantes, apenas respeito entre as pessoas (O ESTADO, 1993. p. 9).

---

<sup>4</sup> Sobre o movimento *punk*, podemos afirmar que teve suas origens nos subúrbios tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, durante a década de 1970 através de jovens que viam suas perspectivas de vida frustadas frente um cenário de crise econômica que se refletia no crescente desemprego, e que mediante a criação de atitudes provocadoras e desordeiras, tais jovens revelavam ao mundo, uma nova expressão comportamental (cabelos espetados e moicanos coloridos, trajes negros e andrajos cingidos a correntes e alfinetes) que se refletia inclusive na música. Através da imprensa (a exemplo da revista Pop) e da venda de discos (num primeiro momento importados), o *punk* ecoava no Brasil, ainda no final dos anos 70. Assim, em meio a Ditadura Militar surgem dos subúrbios de São Paulo os primeiros grupos *punks* e bandas como *Restos de Nada*, *AI-5* e *Condutores de Cadáveres*.

Mediante toda uma descaracterização do ideal anarquista, por vezes tachado como desordem pelos meios de comunicação, os anarco-punks faziam questão de afirmar a força e criatividade do pensamento libertário enquanto projeto de luta social e intervenção urbana, na busca de saídas ao sistema vigente, neste caso a constituição de um *squat* que buscava tornar-se sobretudo um espaço alternativo para a difusão da cultura *punk* e anarquista.

Neste sentido, alguns *punks* anarquistas em Curitiba ocupavam em 1997 uma casa abandonada, próxima ao centro, constituída de dois andares e dividida em 17 peças. Assim nascia o *Squat Payoll*. Sobre o porque do nome, um *okupa* explica:

Deu-se em homenagem à comunidade negra “Embernada de paiol de telha”, uma comunidade remanescente de Quilombo, que teve suas terras tomadas em 74 pela multinacional alemã cooperativa agrária mista “entre rios”, estes negros descendentes de escravos lutam pela retomada de suas terras até os dias de hoje (OS IMPREGNANTES, 1998. p. 13).

Acerca dos primeiros dias no espaço os *squatters*, lembram.

Tivemos também no começo, muito trabalho com a limpeza, pelo motivo da casa ser muito grande e a quantidade de lixo, entulho e merda ser enorme, como a água ainda não havia sido religada, tivemos que pegar água na vizinhança e limpamos as partes que precisávamos mais. Todos os banheiros da casa estavam entupidos, havia muitos vidros quebrados, algumas portas fora do lugar e várias pichações bestas por toda parte, o encanamento também estava danificado (OS IMPREGNANTES, p. 13).

Buscando atuar como uma célula cultural alternativa, o *squat* Payoll organiza em setembro de 1998 sua primeira “Jornada Cultural”, com palestras sobre movimento *punk* e *squatter*, debates, exposição de vídeos, recitais de poesias, teatro e show beneficente destinado a recuperação do próprio *squat*, com apresentação de bandas *punks* da Região Sul.<sup>5</sup> Em entrevista ao *Zine Anarkis Attack*, um dos *okupas* fala sobre alguns dos trabalhos desenvolvidos no local: “Temos uma distribuidora de material *punk* anarquista, uma pequena biblioteca, *fanzines* (... )” (ANARKIS ATTACK, 1998. p. 12). *Kraakers* era o sugestivo nome da distribuidora, que trabalhava com livros, k7s, botons e camisetas (com estampas confeccionadas pelos *squatters*).

Entretanto, além de inúmeros ataques neonazistas (*skinheads*) – grupo de jovens violentos também conhecidos por carecas que cultuam as idéias de Adolf Hitler, em prol do nazismo -, ao *squat*, a polícia seria outra “pedra no sapato” dos *okupas*. Diante de invasões que teriam como saldo apreensões de materiais - incluindo documentos que comprovavam a melhoria do espaço -, e a prisão de vários *okupas*, começava-se a prever que o *Squat Payoll* não sobreviveria para ver o novo milênio. Sobre uma das ações policiais, uma pauta de 3 de junho de 1998, assinada pelo *Squat Payoll*, registra:

Três homens, que não se identificaram, entraram sem permissão e armados. Levaram quatro pessoas detidas até a Delegacia da COPE – Centro de Operações Policiais Especiais. Lá os rapazes foram revistados e ameaçados. Caso não desocupassem a casa até às 10h do 1º de junho seriam presos. Os policiais inclusive tentaram subornar os rapazes com a quantia de R\$ 500,00, para a desocupação. Em nenhum momento o dono da casa foi citado.

<sup>5</sup> Participaram do show beneficente as seguintes bandas: Nervoróticos, Caos Alcoólico e Difekto ambas de Curitiba, Estômagos Vazios (Porto Alegre), Kaos Reality (Esteio), Escarro Social (Mafra), Subsistência (Blumenau) e Rotten Anger (Londrina).

A COPE apreendeu comprovantes de pagamentos de água, fotos da casa em estado de abandono e materiais elétricos que seriam utilizados na restauração do imóvel. Por volta das 18h30 os rapazes foram liberados, com a promessa de que não seriam esquecidos. Vencido o prazo, nada aconteceu, mas o estado de tensão permanece (SETOR DE PAUTAS, 1998).

Esta ação levada a cabo pela COPE se efetuava no dia seguinte ao "Ato Público contra a Violência Policial e Impunidade", do qual participaram os *okupas*. E nesta senda, a situação se complicou no transcurso de 1999, frente a uma ação movida pelo proprietário do imóvel contra os ocupantes do espaço, que responderiam pelo Art. 150 do código civil, ou seja, invasão de domicílio, fato que traria em sua esteira uma ação despejo, consolidada em 2 de junho de 1999. Sobre a mesma, o jornal *O Estado do Paraná*, registra, "os punks que estavam morando há cerca de dois anos na casa existente na esquina das ruas Visconde de Nácar com a Padre Anchieta foram despejados ontem pela manhã" (O ESTADO DO PARANÁ, 1999, p 17), sobre a medida de despejo o advogado dos *squatters*, apesar de vê-la como legal, ressalva "o equívoco é que a ação deveria ser de reintegração de posse ou imissão de posse, e não uma ação reivindicatória como aconteceu" (O ESTADO DO PARANÁ, p. 17). Na cobertura do despejo o jornal acrescenta:

O punk Cleber de Moura, artesão, conta que quando eles invadiram a casa, ela estava completamente abandonada e muito suja. "Aqui era até ponto de venda e uso de drogas e tinha muito lixo. A gente limpou tudo." Márcia diz até que foram eles próprios que restauraram a parte elétrica e hidráulica e pintaram o imóvel. Porém, o advogado Luiz Renato contradiz a versão. "O imóvel estava para alugar. Eles tiraram a placa e invadiram." Um vizinho, que não quis se identificar, confirma que eles instalaram luz no lugar e não eram agressivos. "A nossa intenção é de mostrar às pessoas uma outra maneira de se viver. Não assaltamos ninguém, apenas resolvemos de forma alternativa o nosso problema habitacional", completou Márcia (O ESTADO DO PARANÁ, p. 17).

Sobre o papel desenvolvido pela mídia frente ao movimento *squatter*, percebe-se que a mesma de modo geral foca-se nas ações de despejo, sendo para tanto raro a constatação de notícias que tratem de forma positiva da trajetória de luta empreendida pelos *squats* e suas atividades culturais. Também, ligado aos meios de comunicação um outro agravante se evidência, ao trazerem o assunto a tona, caem em arranjos depreciativos, minando assim, o apoio popular. Fato que talvez se explique pela própria natureza constitutiva dos *squats*, ao assumirem uma identidade contestatória, atuando como células de ação alternativa que desafiam os valores do sistema capitalista, sobretudo no campo da especulação imobiliária e das políticas urbanas.

Enquanto outra experiência na Região Sul, o *squat* Teimosia ocupado em 5 de julho de 2004, se constituía num tijolo a mais na construção do movimento *squatter*, que pouco a pouco ganhava corpo no Brasil. Seguindo a idéia: "se morar é um luxo, ocupar é um direito!", alguns anarco-punks invadem uma casa de dois andares que outrora servira como moradia do Inspetor da Polícia Rodoviária, no Bairro Bom Fim, uma área nobre no centro de Porto Alegre, propriedade esta que se encontrava abandonada já fazia mais de sete anos.

Diante da grandiosidade do espaço composto de 30 peças, o *squat* abrigava uma biblioteca e uma videoteca. Tendo ainda no pátio de fundos, um lugar para discussões ao ar livre, como a realizada em 2004 com integrantes da banda mexicana *Fallas Del Sistema*,

acerca da militância anarco-punk no México e seus vínculos com o movimento zapatista. O *squat* patrocinava oficinas de artesanato como a confecção de velas e trabalhos com papel machê, grafiti, assim como malabaris<sup>6</sup>, teoria musical, percussão, *cartoon* e fanzines.

A trajetória do *squat* Teimosia também seria marcada por problemas relacionados a ataques neonazistas (*skinheads*) e batidas policiais, sendo que numa das ações da polícia (narcóticos) eram apreendidos vários livros e vídeos e 25 pessoas detidas, sob a acusação de “terrorismo”.

Enquanto a prática *squatter* se concretiza na violação de uma ordem vigente calcada na propriedade privada e na especulação imobiliária, a polícia, por seu lado, um segmento de manutenção da lei e da ordem, age para assegurá-las. Interesses opostos, que produziriam um ambiente de perseguições, acusações e confrontos, como os registrados em outubro de 2007 em Brasília, envolvendo os *okupas* do Centro Cultural Casa das Pombas, em que dez ativistas eram presos sob alegação de formação de quadrilha.

Mas ainda para evitar que as transgressões (ou melhor incurssões) se tornassem modelos a serem seguidos, não tardaria que uma notícia desanimadora batesse a porta da ocupação de Porto Alegre: por força de uma ação de reintegração de posse, os *squatters anarco-punks* seriam em 2005 desalojados do imóvel (pertencente à União Federal), colocando em xeque os sonhos de um Espaço Cultural permanente.

Abrigando ainda outras experiências em cidades brasileiras, o movimento *squatter* demonstrava sua dinâmica de luta, marcada em São Paulo pelos *squats* Pomba Negra, Dandara e Guaiana. No Rio Grande do Sul, pelas ocupações *Resist* e Colina. E no Paraná pelos espaços Chalé, Getúlio, Mansão e Sobrado, todas extintas pelas ações de despejos. Todavia, há espaços que ainda afrontam à especulação imobiliária e a voracidade policial, tais como a Casa Reciclada em São Paulo, a Flor do Asfalto no Rio de Janeiro, o Toren no Ceará, a Kaäza e o J13 no Paraná e o Körr-Cell em Santa Catarina, revelando que “as lutas urbanas nascem de reclamações imediatas e de contradições concretas. Demolem-se edifícios, aumentam as rendas, sobe o preço dos transportes” (SCHECTER, 1987. p. 143).

Desta forma, o movimento *squatter* enquanto prática de intervenção urbana, atuante sobretudo nos grandes centros citadinos, acabava por revelar uma modalidade de luta política que anseia por alternativas frente à ordem estabelecida pelas classes privilegiadas e aos interesses imobiliários especulativos que marginalizam dos benefícios habitacionais diversos segmentos do tecido social urbano. Assim como, incluindo-se entre os novos movimentos sociais que monidos por perspectivas anarquistas encontram na ocupação de casas uma ferramenta a mais de crítica social. Outrossim, pontuam: ser anarquista é organizar e gerir sua própria vida, busca esta por autonomia que levou “estas pessoas a querer recuperar, reinventar ou criar uma vivência comunitária que procuram ser extensível a toda a zona envolvente à ocupação, e que extrapola para outros locais e para o geral da sociedade” (Utopia, 1997, p. 15).

---

<sup>6</sup> Relacionado a prática de acrobacias de cunho circense.

### **Referências bibliográficas**

- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O verde violentou o muro*. 11ª ed. São Paulo: Global, 1986.
- CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. *Imagens do Conforto: a casa operária nas primeiras décadas do séc. XX em São Paulo*. In: *Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- FREIRE, Carlos. *The Clash: o futuro não está escrito*. Coimbra: Fora do Texto, 1992.
- GABEIRA, Fernando. *Vida Alternativa: uma revolução do dia-a-dia*. 4ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- SCHECTER, Stephen. *Política da Libertação Urbana*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Semementeira, 1987.
- TAVARES, Carlos A. P. *O que são Comunidades Alternativas*. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985.

### **Revistas:**

*Utopia*: revista anarquista de cultura e intervenção. Nº 5, Lisboa: Portugal, 1997.

### **Jornais:**

*O Estado*, Florianópolis, Santa Catarina, 13 de julho de 1993.

*O Estado do Paraná*. Curitiba. 3 de junho de 1999.

### **Zines:**

*Anarkis Attack*. Rio-Mafra. Nº 2, Junho de 1998.

*Os Impregnantes*. Curitiba. Ano 5, nº 16, Abril de 1998.

### **Outros documentos:**

*Punks são ameaçados pela COPE para desocupar casa abandonada*. Setor de Pautas, Curitiba, 3 de Junho de 1998. Folha única.